UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

SUELI KRENGRE CÂNDIDO

HISTÓRIAS KAINGANG

FLORIANÓPOLIS

2014

SUELI KRENGRE CÂNDIDO

HISTÓRIAS KAINGANG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na terminalidade das linguagens, sob a orientação da Profª.Drª. Ana Lúcia VulfeNötzold.

1. **Terminadade:** Linguagens

FLORIANÓPOLIS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 20 dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às 16:00 horas, na Sala Girassol do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professora Ana Lúcia Vulfe Nötzold, Orientadora e Presidente, Professor Sandor Fernando Bringmann, Titular da Banca, e Professor João Rivelino Rezende Barreto, Suplente, designados pela Portaria nº 29/HST/2014 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Sueli Krengre Cândido, subordinado ao título: "Histórias Kaingang". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi argüida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Ana Lúcia Vulfe Nötzold, a nota final 10,0., do Professor Sandor Fernando Bringmann, a nota final 10,0, e do Professor João Rivelino Rezende Barreto, a nota final 10,0.; sendo aprovada com a nota final 10,0.. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato..

Florianópolis, 20 de novembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. .....

Prof. .....

Prof. .....

Candidato .....

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) SUELI KRENGRE CANDIDO, matricula n.° 11100111, entregou a versão final de seu TCC cujo título é HISTÓRIAS KAINGANG, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 22 de JANEIRO de 2015.

Orientador(a)

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Sueli Krengre Cândido, nasci no dia vinte e nove de junho do ano de 1977, no setor Missão indígena da Terra Indígena Guarita que fica no município de Redentora- RS. Sou filha de Antônio Kójónh Cândido e de Tereza da Silva Cândido, de seis irmãos somente eu consegui chegar a graduação. Minha linhagem é dos Kamẽ que é o maior grupo exogâmico do povo Kaingang. Minha alfabetização foi feita na língua materna e estudei até a quarta série, como era conhecida na época. Concluí o restante do ensino fundamental num pequeno vilarejo de pessoas não indígenas chamado de Vila São João, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Completo Américo dos Santos. Aos 13 anos perdi minha mãe, que veio a falecer por consequência de doença que foi descoberta em última hora. Foi difícil para continuar os estudos, pois, tive que cuidar dos outros quatro irmãos, pois a minha irmã mais velha fora morar com a minha avó materna em outra aldeia de outra Terra Indígena. Então tive que tomar conta da casa e de todas as tarefas que uma mulher dona de casa faz. Mesmo assim consegui superar as dificuldades e concluí o ensino fundamental. Na minha formatura eu estava sozinha, pois o meu pai depois da morte da minha mãe se tornou alcoólatra e nem se lembrou desse dia, mas para compensar ele foi à minha formatura de ensino médio, que foi o magistério normal cenecista, onde ele chorou muito a formatura inteira, principalmente na hora do juramento.

Atualmente sou professora concursada e trabalho na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Bento Pĩ Góg, no setor da Pedra Lisa que fica localizada na Terra Indígena Guarita e faz parte do município de Tenente Portela-RS. Trabalho com o quarto ano do currículo na parte da manhã e a da tarde trabalho com a língua Kaingang em todos os anos do currículo.

A minha comunidade tem 150 famílias, a maioria sobrevive da confecção e da venda de artesanatos. Outros vivem de benefícios como aposentadorias, auxílios doenças e deficiências físicas pagas pelo INSS. Como a cidade é próxima os homens são diaristas, ajudantes de pedreiros e outros trabalham em lavouras para os colonos locais. As mulheres trabalham como diaristas domésticas para os nãos indígenas, outras já têm trabalhos fixos e

com carteira assinada. Mas ainda muitas fabricam os artesanatos e saem para as vendas nas horas de folga.

Tenho cinco filhos, quatro meninas e um menino, os quais eu deixo muitas vezes com meu pai que mora em outra aldeia ou deixo com caseiros para eu poder vir estudar na universidade. Essa parte dos filhos e familiares é a pior parte que a maioria dos estudantes indígenas enfrentam, pois temos que ficar muitos dias fora e longe deles. Também sentimos muita falta das nossas comidas, mas sei que para ter minha formação tenho que passar por isso, pois nada é fácil conseguir sem esforço e sofrimento e quem já passou por isso entende como é isso.

Decidi cursar a graduação no ano de 2002, escolhi o curso de letras e me inscrevi para o vestibular pela UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul), na cidade de Ijuí. Prestei o vestibular e passei. Cursei somente o primeiro semestre, depois tranquei a matrícula e não voltei mais. O curso era bom, mas não continuei porque eu tinha dificuldade de acesso ao transporte, pois eu trabalhava o dia todo e ainda tinha que ir pegar o ônibus na cidade próxima que ficava a quase dois quilômetros. O que me fez desistir foi o perigo que eu corria na volta para a aldeia, porque até o fim da cidade eu ia acompanhada com outro colega não índio. Quando fui informada de que o cacique da minha Terra Indígena havia pedido em uma reunião para um colega meu de escola que me avisasse sobre a inscrição para prestar o vestibular na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC e que seria específica e que contemplava os povos Guarani, Kaingang e Xokleng com quarenta vagas para cada povo, não pensei duas vezes. Entrei no site indicado e vi que era o último dia da inscrição, então me inscrevi. A ansiedade era imensa para o dia do vestibular, pois a concorrência era grande, eram quatro candidatos por vagas para o povo Kaingang. Mesmo assim fui e fiz a prova. Não via a hora de chegar o dia marcado para ver o resultado e a minha colocação perante os demais concorrentes. Quando vi a nota e a colocação não acreditei, pois eu havia superado as minhas expectativas. Fiquei em segundo lugar na turma Kaingang. Portanto, eis me aqui hoje cursando e terminando o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC.

Escolhi a terminalidade das Linguagens porque gosto de ensinar a língua materna para as crianças, além disso, como eu sempre participo de elaboração ou revisão de livros escritos na língua Kaingang. E como este curso é específico me ajudará ainda mais em minha organização para o trabalho, também nas produções de materiais didáticos escrito na língua Kaingang e que venho elaborando e guardando as que deram certo neste tempo de trabalho como professora. Estou ainda aprendendo muito, fazendo o meu trabalho de conclusão de curso e com certeza ainda aprenderei muito mais durante a minha pesquisa

Quero fazer valer á pena a minha formação nesta graduação, pois há muita gente na minha aldeia torcendo por mim além dos meus familiares, pois este é o sonho de muitos estudantes indígenas hoje, mas a maioria não consegue frequentar até o final, devidos a vários motivos e principalmente quando se trata de ficar dias, meses ou ano longe da família.

Hoje sei que está valendo a pena o meu esforço, lembro que eu sofria e chorava durante as noites de saudades dos meus filhos, nas primeiras etapas deste curso. Com este curso tive várias oportunidades, a de conhecer outros dois povos, os Guarani e os Xokleng-Laklãnõ e seus costumes.

Eu só tenho que agradecer a chance que tive nesta universidade por me oportunizar a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu ***TOPÊ***, por ter me concedido saúde, força e disposição, mesmo nos momentos difíceis.

Em segundo lugar agradeço ao meu pai Antônio ***Kójónh*** Cândido que é tudo para mim, podia contar com ele para qualquer coisa e sempre esteve ao meu lado me dando conselhos, dando dicas e graças a ele pude estar em vários lugares, uma delas foi poder chegar até a graduação. Ele que não media esforço e distância para me ajudar em tudo que eu precisava. Ele que junto com sua esposa Elisabete ***Gatẽ*** Leopoldino tomavam conta dos meus filhos quando eu vinha para a universidade, sem cobrança nenhuma.

Especial agradecimento aos meus filhos Alexciana ***Vẽnká*** Cândido Mineiro, Dieine ***Fẽr kág*** Cândido Mineiro, Shaiane ***Risóg*** Cândido Mineiro, Alexandre Ribeiro Mineiro Filho e a minha caçulinha ***Mỹg Refej*** Cândido Ribeiro que veio durante o segundo ano do curso. Eles que tiveram paciência, foram meus parceiros, que suportaram muitas vezes a minha ausência e respeitavam a minha privacidade nas horas que ficava em frente ao computador sem lhes dar atenção e carinho. Mas fiz e enfrentei tudo pensando neles e eu faria de novo, porque foi tudo para o bem, para poder dar a eles o melhor das coisas que a mãe deles não pode ter e ao mesmo tempo mostrar a eles um caminho o qual um deles seguirá um dia.

A direção e colegas da minha escola que sempre me apoiaram e entendiam as minhas saídas a cada etapa, que na minha volta sempre me davam atenção, me davam os bem vinda de volta e perguntavam como foram os meus estudos. Aos meus substitutos que tomavam conta dos meus alunos até a minha volta.

Aos meus alunos que também sempre ficavam me esperando e na minha volta faziam as suas reclamações sobre outros professores que me substituíam nos dias em que eu me ausentava na escola. Assim como os meus alunos de estágio com os quais convivi por uns dias para poder estar onde me encontro hoje.

Aos meus amigos Viviane, Jandir, Ubirajara e Rosangela que sempre estiveram ao meu lado quando eu estava mal de saúde, eles que proporcionavam aquele churrasco nos finais de semanas, os quais também colaboravam nas minhas pesquisas.

Ao meu companheiro, parceiro, amigo e confidente Miguel Ribeiro, que me apoiou e acreditou na minha capacidade nesses anos todos. Muitas vezes teve que suportar as minhas brigas, os meus desabafos, a minha ausência, minha atenção, mas mesmo assim sempre demonstrava paciência e falava que o amor suporta tudo.

A minha comunidade da Pedra Lisa que sempre me deu apoio desde o início quando passei a trabalhar naquela aldeia e colaboravam sempre que lhes pedia ajuda.

Aos pais dos meus alunos que cobravam muitas vezes as minhas faltas nos dias em que eu vinha para a universidade, justificando que seus filhos não gostavam de outros professores que me substituíam nesses dias.

Aos artesãos da comunidade que se colocavam á minha disposição, assim como seus artesanatos.

Aos meus sábios e contadores da aldeia que me concederam as entrevistas.

Agradeço a toda equipe da coordenação da licenciatura indígena.

Aos professores pelos quais eu passei durante esses anos.

Aos meus colegas da turma Kaingang e da turma das Linguagens dessa licenciatura

A minha orientadora Ana Lúcia Vulfe Nötzold pelas dicas, indicação de leituras e paciência para me atender e entender as minhas falhas.

Por fim agradeço a Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, que me proporcionou a oportunidade de poder ingressar na graduação.

A todos o meu sincero obrigada!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso faz uma abordagem sobre as histórias que eram contadas entre os Kaingang da Terra Indígena da Guarita, como forma de buscar uma compreensão nas formas estabelecida para as contações. Apresenta também quais os tipos de histórias eram contadas e para quem eram transmitidos distintivamente, seja para crianças, jovens, adultos. Analisa ainda sobre a restrição dessas práticas de contações que são justamente as que trazem conhecimentos e aprendizagem para aquisição da moral e história na cultura **Kaingang.** Contudo, esse exercício possibilita para a compreensão das transformações no modo de contar as histórias, assim como na sua prática, aquisição e vivencia.

Palavras-chaves: Histórias; Kaingang; Terra Indígena Guarita.

TO VÃME SÏ

Inh rãnhrãj tũg tag tóg ó tugtó jafã ẽn to ke nĩ kanhgág ga tỹ Guarita kãki, kar ver hẽren kỹ ti tugtój fã, ó tỹ ne nẽ, mỹ tỹ ũ nĩgtĩ ũ tỹ ki ẽmẽj ke ag mỹ, gĩr ag, kyrũ ag, ũn sénh ag. Nĩgjẽg inh ke gé, ne to ag ó tugtó jafã nĩgtĩ mré ne tugnĩn ũ tỹ tój fã ag to tỹ krỹ ke já nĩgt gé, mỹr ẽg tỹ kanhgág tag mỹ ó kar vỹ ẽg mỹ vẽnhkanhró ũ ma kãtĩ tĩ ẽg tỹ ki ẽmẽ kãn kar. Sỹ ũ si kanhró ag mré vãmém kar inh vỹ to rán, ti tỹ kar inh rãnhrãj tũg tag kã as nĩnjé. Ve há vỹ nĩ nén ũ ta tỹ ũ ke ja ti prỹg tĩg mré, gĩr ag tỹ rãnhke ẽn ti, ũn kyrũ ag ke gé, mỹr uri pi ó tugtó ti ha.

To vẽnhrá pẽ: ó; Kaingang; Ga tỹ Guarita.

LISTA DE COLABORADORES

Sr Adelino ***Ga Vóg*** da Rosa, 59 anos, casado, tem seis filhos, morador da aldeia São João do Irapuá, pertencente ao grupo dos ***Pẽj.***

Foto tirada no dia da visita. 01 de outubro de 2014.

Sr Antônio ***Kójónh*** Cândido, 62 anos, viúvo 10 filhos, morador da aldeia Missão Indígena, pertence ao grupo dos ***Kamẽ.***

Foto tirada no dia da visita. Em 20 de outubro de 2014.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1- Mapa da Terra Indígena Guarita.....20

Fig. 2- A valorização das duas metades.....27

Fig. 3- A manutenção da língua falada e escrita.....27

Fig. 4- A manutenção e prática do artesanato.....28

Fig. 5- A manutenção da saúde indígena.....28

Fig. 6- A manutenção das comidas típicas.....29

Fig. 7- Memória viva/oralidade junto aos sábios.....29

Fig. 8- Sr Antônio Kójónh Cândido.....33

Fig. 9- Sr Adelino GaVóg da Rosa e sua esposa.....37

GLOSSÁRIO

Kamẽ clã de sinal | reto.

Kairu clã de sinal redondo.

Kófa velho.

Fẽnẽnh tatuzinho de rabo duro.

Fóg pessoa não indígena, não índio.

Fóg sa mestiço

Fág nĩ lugar de pinherais

Jé cantoria

Ó jé nĩgtĩ Era uma vez

Hoʾ um tipo de tigre criado no imaginário do contador

Ó ror histórias curtas

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....06

RESUMO.....08

LISTA DE COLABORADORES.....10

LISTA DE FIGURAS.....11

GLOSSÁRIO 12

INTRODUÇÃO 14

1O LAZER DOS KAINGANG DA TERRA INDÍGENA GUARITA ANTES E HOJE.....18

1.1A Terra Indígena Guarita 18

1.2 O lazer dos Kaingang antes e hoje 19

1.3 Minhas lembranças sobre o contador e as regras durante as histórias 23

2 AS HISTÓRIAS CONTADAS ENTRE OS KAINGANG.....29

2.1 Que tipo de histórias eram contadas 29

2.2 Contação de histórias para as crianças 34

2.3 Contação de histórias para os jovens 40

3AS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO LAZER DOS KAINGANG.....44

3.1 Que mudança teve no lazer dos Kaingang.....44

3.2O que provocou mais essasmudanças 46

CONSIDERAÇÕES FINAIS 48

BIBLIOGRAFIA 50

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o povo Kaingang está entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil, ocupando os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul na região sudeste e sul do Brasil. Falam uma língua pertencente à família linguística Jê.

Os Kaingang dividem sua sociedade, bem como toda a natureza, em duas metades exogâmicas, patrilineares, complementares e assimétricas, chamadas de ***Kamẽ*** e ***Kairu***. Esta divisão baseia-se na mitologia de origem dos Kaingang, em que ***Kamẽ*** e ***Kairu*** são os irmãos gêmeos que fundaram o povo Kaingang, sendo assim, os casamentos são realizados apenas entre metades opostas.

As divisões ***Kamẽ*** e ***Kairu*** são representadas pelas marcas ***rá téj*** (comprida ▮) e ***rá ror*** **(**redonda ⬮). Essas representações das marcas são vistas em pinturas no rosto e no corpo para apresentações de eventos e nos rituais. Também pode ser vista em artesanatos feitos pelos artesãos do povo Kaingang.

Esta pesquisa foi realizada na Terra Indígena Guarita e aborda o resgate das histórias (para nós eram apenas histórias, entretenimento, lazer), contados e repassados pelos nossos antepassados. Hoje graças a universidade pude ver e perceber que existem diferenças e uma classificação das histórias que os nossos ***kófa*** nos contavam.

A Terra Indígena Guarita está localizada entre os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem aproximadamente 7.000 indígenas numa extensão de 23.406,87 hectares. O cacique atual é o Sr. Valdonês Joaquim, que junto com as demais lideranças nomeadas por ele organizam os dezesseis setores que são: Pedra Lisa, ABC, Três Soitas, Linha Esperança e KM 10 pertencentes ao município de Tenente Portela; Pau-Escrito, Linha Mó, Bananeiras, São João do Irapuá, Linha São Paulo, Mato Queimado, Estiva, Laranjeiras, Missão, Katiu Griá, Capoeira dos Amaros pertencem ao município de Redentora; e ainda tem o setor Gengibre, este pertence ao município de Erval Seco onde mora um grupo do povo Guarani.

A presente pesquisa possui como tema a busca e registro de umas das histórias contadas pelos nossos ***kófa*** da comunidade Kaingang da Terra Indígena Guarita. Estas histórias deixaram

de ser praticadas, mas que possuem regras a cumprir antes e durante a sua contação. Também tinham suas divisões na hora de contar que podia ser por idade ou por sexo. Geralmente as histórias eram contadas a noite, ao ar livre, para uns era deitado de barriga para cima e para outros era ao redor do fogo. Como na minha época não tínhamos o costume de perguntar, somente obedecíamos e nem adiantava perguntar, pois a resposta era "porque sim". Na minha época nós só obedecíamos, hoje, como professora, me encontro muitas vezes com dificuldades em dar respostas aos meus alunos sobre assuntos relacionados a contação das histórias.

Desde o início da minha vida profissional na educação indígena, constatei que há uma carência de estudos sobre o tema proposto. Este trabalho, além de seus objetivos acadêmicos, pode contribuir para o maior reconhecimento e respeito da comunidade indígena Kaingang na Terra Indígena Guarita e também para a valorização de sua cultura e de seu conhecimento milenar que era passado de geração em geração através da oralidade.

Este estudo visa levantar dados que sirvam para devolver nas comunidades estudadas socialização dos conhecimentos registrados na pesquisa e que estão sendo esquecidos pelo povo Kaingang de hoje, pela falta de prática. A partir disso, analisar e classificar a diversidade das histórias e seus usos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena Guarita. Ao mesmo tempo tecer algumas interpretações sobre a importância e significado cultural para os Kaingang, assim como demonstrar os tipos de histórias contados entre os Kaingang, distinguir os tipos de histórias contados para adultos, jovens e crianças, apontando as causas que prejudicaram a continuidade dos contos das histórias que acontecia antigamente entre os Kaingang.

A escolha do tema relaciona-se a possibilidade de construção de um conhecimento, acadêmico a partir das informações coletadas. Pretende-se também com essa pesquisa fornecer conteúdo para a elaboração de material didático, do qual nossas escolas sentem muita necessidade.

Este tema foi escolhido, pois considero muito importante na vida dos Kaingang, pois através dele nós, nossos pais que tiveram a oportunidade de saber de muitas coisas que as crianças e jovens de hoje nem sequer chegaram a conhecer, porque os pais deixaram de se visitar ou se reunir nas noites por vários motivos que serão esclarecidos mais adiante Esses contos eram formas estabelecidas pelos nossos antepassados para nos educarem, por isso, nós indígenas temos muito

respeito com os nossos velhos. Eles tinham um jeito diferente de nos tratar na conversa depois das histórias, pois eles nos deixavam perguntar o que não tínhamos entendido. Diferentes dos nossos pais que na maioria das vezes que perguntávamos as coisas mandavam nós ficarmos quietos ou simplesmente não nos respondiam. E só pelo olhar deles sabíamos que não podíamos falar qualquer coisa naquela ocasião, portanto, muitas coisas nós deixamos de descobrir porque dependendo das perguntas não tínhamos respostas. Isso aparece durante os contos onde falam sobre as comidas proibidas, por exemplo, principalmente nas que falam sobre os remédios usados nos testes feitos com o futuro guerreiro, na viúva, enfim onde se fala de remédios quase sempre nada era revelado, pois era considerado como antiético entre os Kaingang de ambas as metades, ***Kamẽ*** e ***Kairu*****.**

Há vários textos escritos sobre os Kaingang, mas nem sempre os nossos sábios revelam tudo, podemos dizer que eles falam meio por cima para contentarem os ***fóg*** (não índios)**.** Uma que eles vão até as nossas terras em busca de entendimento de suas pesquisas. Pelo contrário, está sendo escrito nesta pesquisa. Aqui é reflexão de uma Kaingang falando, porque a maior parte do que está escrito neste trabalho de conclusão de curso foi vivenciado e ainda vivencio ao mesmo tempo se procura entender várias coisas porque como foi dito anteriormente, tem perguntas que no passado ficaram sem respostas e hoje é mais fácil de encontrar essas respostas.

Uma vez, um dos nossos velhos sábios durante uma entrevista me disse que eles acham muito interessantes e importantes. Porque até aquele momento só tinham contado um pouco de tudo somente aos ***fóg*** (não índios)**.** E eles queriam contar para que fosse escrito como é contado senão perdia o sentido, principalmente que fosse escrito na língua Kaingang e quem sabe até fazer uns desenhos para ficar mais bonito, diziam. E que assim a língua permaneceria presente tanto na fala, contos e na escrita. Acho muito importante isso o que nos foi dito e foi há três anos, porque vi que eles se preocupavam já com a possibilidade e o perigo de que a nossa língua já vem sofrendo com a interferência da sociedade não indígena que está cada vez mais presente em nossas aldeias e comunidade. Também tem os casamentos que acontecem entre índios e não índios, onde o casal opta primeiramente em adotar somente o português brasileiro e é aí que se dá o início da perda dos usos e costumes do povo onde entra as histórias, pois o não índio não deixa os filhos saírem visitar ou ficar fora de casa à noite, nem se sentar ou deitar no chão para não se sujar.

As histórias já escritas ou conhecidas são quase repetitivas, como a origem dos Kaingang, o surgimento do milho, sendo que há várias outras. Não podemos deixar de lembrar que ao traduzir as histórias para o português, ela perde totalmente a sua graça como ela é contada na língua Kaingang.

Esta pesquisa foi desenvolvida com entrevistas com o Sr. Adelino ***Ga vóg*** da Rosa, Sr. Antônio ***Kójónh*** Cândido, pessoas que se disponibilizaram sempre a ajudar os estudantes.

A pesquisa está organizada em 3 capítulos, sendo que o capítulo 1. **O lazer dos Kaingang na Terra Indígena Guarita antes e hoje**, aborda como era o lazer no tempo em que os entrevistados foram crianças e jovens. O capítulo 2. **As histórias contadas entre os Kaingang**apresenta as variedades de histórias que eram contados entre nós indígenas do povo Kaingangno passado e que hoje são desconhecidas pela maior parte das nossas comunidades, principalmente pelas nossas crianças. O capítulo 3. **As mudanças que ocorreram no lazer dos Kaingang**, aborda os acontecimentos e mudanças que ocorreram durante o passar do tempo entre os Kaingang, também o que fez com que as contações das histórias fossem deixadas de lado ou tenham ficado no esquecimento.

Hoje, muitos de nós como professor pensamos em resgatar e transcrever muitas coisas que eram significativas para a vida de um Kaingang e isso começavam na infância de cada um, num passado em que se acreditava e obedecia muito os ensinamentos dos mais velhos. Porque os nossos filhos e alunos de hoje estão crescendo junto com a modernidade, mas o que podemos lhes ensinar é de ser índio em qualquer lugar mesmo tendo tudo o que o não índio tem. Assim como diz um colega Kaingang, ex-morador da Terra Indígena Guarita.

> **Kaingang: uma criança que cresce em tempo record...**
>
> "Nossa infância, cada kaingang ao nascer já estará predestinado a vivenciar um mundo que tem dois fatores lados: primeiro, nascer dentro de uma comunidade indígena, segundo estar inserido num processo aculturado que remete o índio a uma cultura nova a qual ele se obriga a vivenciar; e uma relação cultural que exige dele uma dedicação de manter-se como um membro de um povo, que luta para se preservar e manter-se diferente. Com isso a infância de um indígena é traçada em visões de responsabilidades místicas e brincadeiras relacionadas à natureza. Temos várias formas de ver um indígena se divertindo sempre visando às rodas de brincadeiras coletivas, o coletivo é a essência de nosso cotidiano, brinca-se de caça onde se treina brincando as técnicas de caçada, carrinhos de madeira com um eixo e rodam de sabugos, danças, e participação nas tarefas da família que também é

entendida como um modo de diversão. Basicamente é isso. Aí tem as brincadeiras inseridas como esportivo futebol, vôlei e outros tendo como maior participação o futebol... Então podemos dizer que o índio kaingang na sua infância gera uma duvida de criança com adolescente? Talvez mais está próximo disso, pois nós indígenas contamos as fases de vidas diferente da sociedade envolvente mais isso não deixa a impressão que não há infância entre os kaingang; quando na verdade há sim mais de uma forma "podada" pois necessitamos aprender rápido pois a busca pelo espaço fora e até dentro da própria comunidade exige amadurecimento rápido." (KAINGANG,**ADRIANO**)

1 O LAZER DOS KAINGANG DA TERRA INDÍGENA GUARITA ANTES E HOJE

1.1 A Terra Indígena Guarita

A Terra Indígena Guarita está localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul entre os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco das quais é pertencente. Sua extensão é de 23.406,87 hectares, com uma população de aproximadamente de 7.000 indígenas Kaingang (COMIM). Têm dezesseis setores, cada um com seu capitão, que ajudam o cacique na sua organização. O cacique atual é o senhor Valdonês Joaquim. Na Terra Indígena tem onze escolas, a maioria tem o ensino fundamental completo, tem onze postos de saúde. Também possui igrejas evangélicas e católicas, mas a maioria é evangélica. Os profissionais das áreas dentro da terra são indígenas e não indígenas. Tem aproximadamente 2.000 estudantes no ensino médio, curso normal (magistério) e universitários que estudam nas várias universidades que oferecem vagas com bolsas para os indígenas, inclusive os dezesseis Kaingang da minha turma que saem da aldeia a cada dois meses para dar continuidade e terminar a graduação na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

A Terra Indígena Guarita também abriga em uma pequena parte o povo Guarani que está dividida em dois grupos, eles também têm o seu próprio cacique. Estes também possuem suas escolas, um com ensino fundamental completo.
Os Kaingang da Terra Indígena Guarita vivem do trabalho próprio, plantando e colhendo nas suas terras que cultivam, outros possuem empregos fixos nas pequenas empresas que tem nas redondezas, outros são professores, agentes educacionais I, nutricionistas, enfermeiros, auxiliar de enfermagem, agentes de saúde, diaristas, pedreiros, motoristas, pensionistas, aposentados e artesãos.

A maioria dos indígenas que cultivam suas terras completa sua renda confeccionando seus artesanatos para a venda até que chegue a hora da colheita. A confecção de artesanatos tem crescido muito na Terra Indígena Guarita há uns dez anos, pois têm valorizado muito os trabalhos dos indígenas pela sociedade não indígena. Para melhorar suas venda os indígenas vêm fazendo adaptações em suas produções e a maioria do material utilizado vem da mata que ainda existe na Terra Indígena.

Figura 1. **Reprodução do mapa da Terra Indígena Guarita**

1.2 O lazer dos Kaingang antes e hoje

Para os povos indígenas, o patrimônio imaterial é uma fonte de sua identidade. O que fundamenta a vida comunitária Kaingang é o jeito de ser e viver, os valores e as formas de pensar, a língua, as tradições orais, o artesanato, as manifestação culturais que fundamentam a vida em comunidade.

Refletindo agora sobre meu tema junto às pessoas mais velhas, apresento a seguir o que entendi durante a minha pesquisa. Então para iniciar tudo, tive que me meter na conversa do meu pai com meus tios durante as conversas do nosso dia a dia familiar. Deu para entender que os Kaingang da Terra Indígena Guarita, no passado, tinham uma vida tranquila onde eles conviviam com seus familiares e vizinhanças em união, sempre dividindo tudo que plantavam, colhiam e/ou coletavam com os vizinhos mais próximos. Contam ainda que a vizinhança não era como hoje, as casas eram distantes uma das outras, pois como a Terra Indígena é grande, muitos decidiam construir suas casas perto de suas lavouras, com isso cuidariam melhor de suas plantações. Assim eles só se visitavam lá de vez em quando. Os donos de terras cultivadas faziam um tipo de mutirão onde todos que tinham terras prontas para o cultivo ou não participavam outro dia um destes também podia fazer o mesmo, este serviço era chamado de troca dia. No dia do mutirão todos os homens que tinham bois, cavalos e arados levavam para lavrar as terras, os que não tinham levavam suas ferramentas, como machado, foice, facão e outras que achavam necessários. No dia marcado, todos chegavam cedo à casa do dono das terras onde era servido o café da manhã antes do trabalho. Ao meio dia também era servido almoço. Assim também era feito na hora da colheita. Tudo isso, para os homens, além do de ser trabalho era um tipo de lazer, porque assim era uma forma de eles se encontrarem para conversar, contar casos, botar o papo em dia e dar muita, muita risada, pois nós os Kaingang somos de conversar dando risadas e gargalhadas, parecendo que estão contando piadas sempre e quem não nos conhece acha que estamos falando dele. A coletividade é uma característica marcante entre os índios.

Depois de toda colheita, geralmente, eram vendidos uma boa parte para a compra dos alimentos. Neste dia, aquele que colheu convidava os parceiros para uma janta onde a maioria se reunia com suas famílias num só local e ali aconteciam vários tipos de lazer.

Enquanto as mulheres, entre uma conversa e outra, se viravam com a janta, os homens se sentavam do lado de fora da casa para tomarem chimarrão contando casos e os mais velhos se encarregavam de contar histórias para entreter as crianças e jovens enquanto a janta ficava pronta. Assim as crianças não incomodariam os pais e as mães que se visitavam ou se encontravam neste dia, pois durante o dia os pais e mães se ocupam com os afazeres do dia a dia. Antigamente os homens trabalhavam muito na lavoura ou trabalhavam para outros por dia para levar o alimento para casa enquanto a plantação crescia. As mulheres por sua vez trabalhavam na confecção dos artesanatos que para elas eram um lazer, pois elas tendo todo o material necessário para a produção, depois de seus afazeres prontos, elas simplesmente pegavam e começavam a raspar e destalar as taquaras. Cada folga delas elas iam confeccionando todo tipo de artesanato de todas as formas, cores e tamanhos. Já os Kaingang mais velhos gostavam de contar as histórias, muitos deles já haviam praticado algo parecido com o que já tinham ouvidos como histórias. E através dos contos eles faziam as passagens de saberes, conhecimentos e aprendizagens pelas quais eles um dia já haviam passado, onde muitos foram bons ou ruins, uns que deu certo, ou não. A maioria das contações de histórias era feita a noite quando todos estavam juntos e reunidos. Então nas noites em que os pais se visitavam as crianças já sabiam que alguém iria contar uma história e eles já sabiam o que tinham que fazer antes do contador começar a história. O contador começava a história e durante a contação os ouvintes, sejam elas crianças, jovens ou adultos, de ambos os sexos, sabiam que eles tinham que responder o contador no momento certo da história, isso acontecia automaticamente, pois a educação indígena é bem interessante, pois desde pequenos os índios aprendem e de forma prática tudo o que acontece ao seu redor. Assim era com as histórias ouvidas, podíamos ouvir de novo a mesma história que não era cansativo porque o contador tem um jeito de contar que cativava a todos e no final era feito perguntas, penso eu, deveria ser a interpretação oral que chamamos hoje.

Maria Inês de Freitas- Kaingang

Pensando a realidade do universo infantil, da aprendizagem das crianças, a gente tem que pensar na socialização. E essa socialização, acontece em diferentes espaços, lá na comunidade, no dia a dia, está diretamente ligada com o contexto. O contexto é que diverge de um lugar para o outro. Nesse contexto, nessa vivência, nesse dia a dia, o processo aprendizagem acontece com maior ou menor intensidade. Pensando assim o processo aprendizagem no seu aspecto cultural, a gente sabe que lá no dia a dia as

> aprendizagens, o conto dos mitos, as tarefas, digamos assim, as crenças, a religiosidade de cada povo; as crianças desde pequenas se inserem nesse processo. (**Maria Inês de Freitas**, Professora Kaingang formada em Pedagogia)
>
> **VEIGA**, Juracilda; **FERREIRA**, Maria Beatriz Rocha (orgs). **Desafios atuais da educação escolar indígena.**

Nos dia de hoje ainda acontece algumas dessas formas de lazer, como eu citei. O trabalho em mutirão dos homens, não acontece mais. As mulheres ainda mantêm o lazer delas que é da confecção dos artesanatos, mas desta vez elas tem a colaboração dos homens que as ajudam na busca do material na mata a qual hoje está ficando mais distante por causa do desmatamento feito para fazerem lavoura e também com o crescimento da população Kaingang na Terra Indígena Guarita. Eles consideram a busca do cipó, da taquara e outros materiais usados na produção dos artesanatos, um lazer, pois quando um precisa ir à mata sempre procura na comunidade parceiros e combinam um dia para irem juntos. E isso também é uma forma de lazer que eles consideram, pois é como um tipo de excursão porque eles vão de carroça para trazerem uma quantidade grande e suficiente para uma grande produção que será vendida para ajudar nos gastos da casa. Neste dia eles vão logo pela manhã e só voltam a tarde ou noite, dependendo da distância que vão para achar tudo que precisam. E no caminho vão recordando e contando as histórias que ouviam dos mais velhos quando eram crianças ou jovens. Então de uma forma, ou outra, as história são lembradas e contadas ainda, mas de formas e momentos diferentes. As crianças de hoje nem sequer conhecem ou ouvem essas histórias que costumávamos ouvir ou pedir que nos contassem. Somente na escola são repassadas umas histórias que já vem escrita nos livros didáticos que chegam às nossas escolas, mas são histórias de outros povos e não do nosso povo. Alguns professores que sabem contar histórias tentam manter esses contos, mas esta é uma parte difícil que é a de contador, pois nem todos têm a vocação dos nossos velhos contadores. É difícil também de manter as crianças concentradas para ouvirem as histórias e eles nem parecem ter aquela curiosidades que tínhamos na idade deles. Outros já reclamam antes mesmo do professor terminar de dizer que hoje ele irá contar história. Então ser um contador também é um dom, dizem os sábios. Geralmente as nossas histórias são contadas totalmente na língua Kaingang, portanto, as pessoas que não são falantes da língua dão pouca importância para esses contos, principalmente as crianças. Mas as nossas histórias se traduzidas perdem o sentido, a graça, na verdade perde o valor do que representa para um contador, assim dizem os sábios.

Nossas histórias não tinham tempo ou dia marcado para ser contadas. As vezes os nossos pais mesmos em uma conversa ou num aconselhamento para nós, os filhos, faziam nós ouvir uma história dependendo da situação do problema ocorrido, pois cada história sempre tem uma moral, que faz a gente refletir. Mas, quando a gente é jovem nada daquilo tinha importância e não tinha sentido naquele momento. Só agora depois que a gente atinge certa idade é que conseguimos refletir sobre o que eles queriam nos passar ou ensinar.

Nesse caso, chego a conclusão de que as histórias não são contadas somente a noite ou ao redor do fogo. Essas contações também acontecem quando os nossos sábios que ao mesmo tempo são lideranças e são chamados pelos capitães para ajudarem nas pequenas desavenças ou desentendimentos familiares entre os Kaingang da comunidade.

Muitos de nós indígenas, como estudantes universitários ou educadores, começamos a pensar e refletir sobre muitos tipos de aprendizagem que nos eram repassados através da oralidade, mas isso só começou a acontecer depois de estarmos estudando nas universidades, pois esta nos faz pensar sobre a educação de antes e hoje. Assim como acontecia os nossos ensinamentos e aprendizagem, pois esta é uma educação informal, mas, sempre foi respeitada porque nunca foi contrariada pelos Kaingang do passado. Hoje são quase totalmente esquecida ou deixada de lado perante as escolas implantadas dentro das nossas aldeias e também em relação com a tecnologia que está cada vez mais presente em nossas vidas. Por um lado hoje a escola tenta resgatar o que foi perdido ou está sendo esquecido.

1.3 Minhas lembranças sobre o contador e as regras durante as histórias

Lembro-me que até os meus dez anos pude ouvir umas histórias contadas pelo meu avô, que hoje é falecido. Contava ele que cada povo indígena possui crenças e rituais religiosos diferenciados. Pois ele contava histórias sobre a luta do povo Kaingang com outros povos. Porém, todos os povos acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. E que para estes deuses e espíritos, faziam rituais, cerimônias e festas de agradecimentos ou pedido. Geralmente as histórias eram contadas durante as noites.

Sei que ele contava muito nas noites em que ele se empolgava que chegávamos até dormir sem ouvir toda a história, digo história porque para mim até o momento da minha escolha sobre o meu tema nunca pensei nas diferenças que tinham as histórias e quais eram as que ele nos contava. Mas posso dizer que quando nós visitávamos os avós ou eles nos visitavam eram uma expectativa só. Então após a janta sabíamos das regras que tínhamos que seguir. Uma das regras era de arrumar um travesseiro para o nosso contador, pois ele tinha que se deitar e nós os ouvintes também, todos deitados virados para cima, geralmente nos tempos bons, deitávamos na grama ou no chão.

Ele iniciava dizendo "***ó jé nĩgtĩ***" penso eu, que ele queria dizer "era uma vez" e nós respondíamos "***eee***" que era uma forma de se mostrar expectativa naquilo que ele estava nos contando, após isso ele seguia a história e no momento certo ou em cada parada respondíamos da mesma forma o "***eee***", fazíamos essas repetições até o fim da história.

As histórias que nos contavam geralmente eram de bichos que falavam, dançavam, trabalhavam, caçavam, outras eram de pequenos guerreiros (preparação ou teste) e outras que despertava interesse e nossa imaginação. Como era bom aquele tempo, é como diz o ditado "tempo que não volta mais." Após terminar a história todos continuávamos deitados, pois, era hora do contador contar a moral da história, que quase sempre era uma forma de nos educar para respeitarmos e obedecer aos pais e nossa cultura, também os mais velhos e os próximos.

Quando o meu avô resolvia contar história aos mais velhos que nós, que eram os jovens, ele pedia para que alguém nos orientasse para uma brincadeira, a mais conhecida era o esconde-esconde ou deitávamos para contar as estrelas. Hoje eu consigo imaginar que eles tinham uma organização para esses contos, porque ele é que escolhia para quem contar. Não posso contar que

tipo de história ele contava aos jovens, pois não tive o prazer de fazer parte do grupo, porque meu avô faleceu antes de eu chegar à idade dos jovens para quem ele contava naquela época. Mas posso dizer que para eles ele contava sentado ao redor do fogo, usava gestos e ficava mexendo no fogo com um pau. Digo isso porque durante as nossas correrias para se esconder alguns de nós por curiosidade íamos nos esconder perto da roda onde aconteciam os contos, só para ouvirmos um pouco, mas logo que nós éramos percebidos, nos mandavam sair de lá e ir brincar com os outros pequenos. Agora procuro lembrar algumas histórias para entender melhor o uso destes contos, que era um meio de educar, ensinar e passar conhecimentos de outra forma, assim como fora feito com eles, eu acredito.

Nos dias atuais as nossas crianças desconhecem as nossas histórias, como eram contadas e porque eram contadas. As histórias que nossos indiozinhos mais conhecem hoje são: as populares histórias clássicas como Chapeuzinho vermelho, Os três porquinhos, O Gato de Bota, Branca de Neve, Rapunzel e outras histórias que não traz conhecimentos saudáveis para as nossas crianças, assim iguais aos nossos que eram contadas pelos nossos ***kofá***, principalmente sobre nossa cultura, não desfazendo essas histórias, é claro. Mas a maioria dessas histórias dos não indígenas traz brigas, riquezas, tristezas, ódio e maldade. As nossas histórias lembro que eram sobre crianças sendo preparadas para alguma coisa, como ser ***kujá***, ser guerreiro, ser caçador, parteiras e outros tipos de sábios com certos conhecimentos o qual os mais velhos acreditavam que a pessoa nascia com aquele dom.

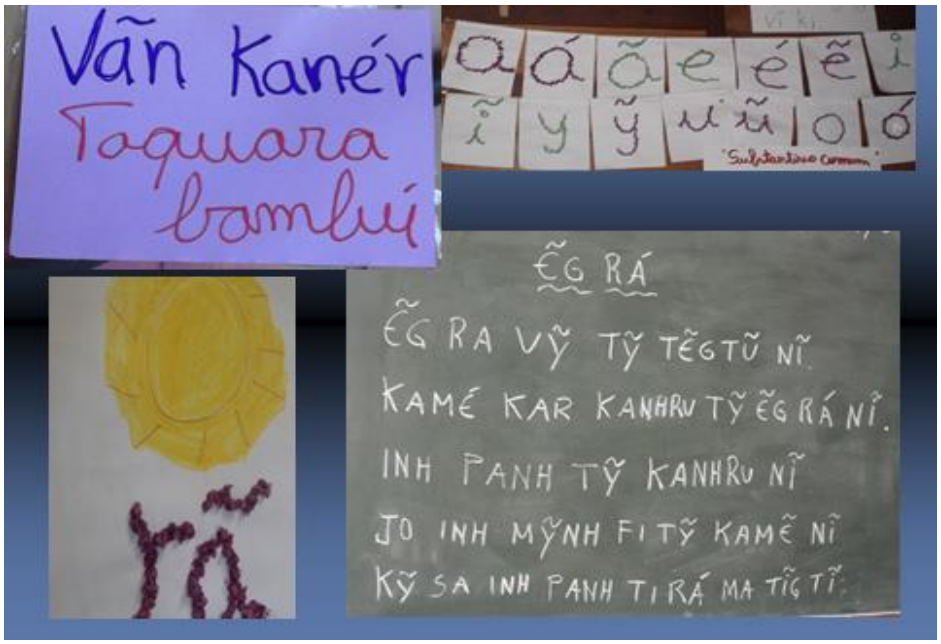
Através desse trabalho de pesquisa, acredito que agora vou poder contar umas das histórias do nosso povo para os meus alunos, assim como também, na idade adequada assim como era feita pelos nossos antigos sábios. Pois hoje, costumamos contar outras histórias que vem escrita em livros didáticos e a maioria não são sobre indígenas. Que bom seria, se os professores indígenas repensassem sobre isso, pois todos sabem da importância que tem esses contos e que através disso ensinaríamos e ao mesmo tempo aprenderíamos recontando as histórias aos nossos alunos.

Hoje dentro da Terra Indígena Guarita o que fundamenta a vida dos Kaingang nas comunidades é a escola que junto com a comunidade procura reorganizar os quesitos que ainda fundamentam a vida dos Kaingang, tais como: A valorização das duas metades exogâmicas; A manutenção da língua falada e escrita; Manutenção e prática do artesanato; Manutenção da medicina indígena; Manutenção das comidas típicas; Memória viva /oralidade junto aos sábios.

Fig.2 A valorização das duas metades

Fonte: Desfile do dia 7 de setembro de 2012 na cidade de Tenente Portela. Acervo SKC.

Fig.3 A manutenção da língua falada e escrita



Fonte: Acervo COMIM

Fig.4 A manutenção e prática do artesanato

Fonte: Acervo E.E.I.E.F. Bento *Pĩ Góg*

Fig.5 A manutenção da medicina indígena

Fonte: Acervo E.E.I.E.F. Bento *Pĩ Góg*

Fig.6 A manutenção das comidas típicas

Fonte: Acervo E.E.I.E.F. Bento *Pĩ Góg*

Fig. 7 Memória viva /oralidade junto aos sábios.

Fonte: Seminário da semana do Dia do Índio. Sr Adelino *Ga Vóg* da Rosa e Sr Antônio Bento. Acervo COMIM

A escola está buscando o resgate das práticas, das representações, das expressões, conhecimentos e técnicas, em conjunto com os instrumentos e lugares culturais, que se transmite de geração em geração; é constantemente recriado e adaptado como acontece com o artesanato. Isso garante a sobrevivência cultural do povo Kaingang.

2 AS HISTÓRIAS CONTADAS ENTRE OS KAINGANG

2.1 Que tipo de histórias eram contadas.

Sabe-se que há vários tipos de histórias que os Kaingang contavam há alguns anos atrás e ainda se ouve de vez em quando, mas não da maneira como era contada no passado como parte do lazer Kaingang. Como eu vivi um pouquinho desse tempo, posso dizer que, eu ouço algumas histórias ainda e isso confirmo, pois acontece no nosso cotidiano familiar. Por exemplo, na minha família o meu pai costuma nos reunir quando algum dos filhos está com problema e faz ouvir uma história, diz ele que o nosso avô, pai dele também costumava contar isso. Então, depois do conto ele nos faz refletir sobre o que ele acabara de contar, logo após começa a falar sobre a moral de história e comparando com o problema que um de nós está passando. Assim acontece sempre com a liderança e os conselheiros quando eles têm que resolver algum problema que surge ou quando eles fazem casamentos. Nesses aconselhamentos sempre contam uma história que fala sobre o caminho que devem seguir para que não haja intriga ou que evite vários problemas que possa prejudicar uma boa convivência dos recém-casados. Então muitas dessas histórias para mim hoje faz sentido, pois o que eles nos contam, muitos destes já foram comprovados por eles mesmos. Mas sei que essas histórias são de ensinamento sobre uma vida a dois e elas não são contadas como um contador de histórias, pois quem dá as regras são eles mesmos e só correspondemos se eles nos dão oportunidade. Nesse caso ainda posso dizer que ouvimos essas histórias de cabeça baixa ou olhando para baixo, diferente de quando estamos ouvindo um contador, onde ficamos deitados ou olhando para o contador para vermos seus gestos e sua fisionomia durante a contação.

Agora me resta classificar essas histórias. Para descobrir quais eram apropriadas para as crianças e jovens, fiz entrevistas com contadores que ainda temos na nossa aldeia. Depois de ouvi-las transcrevi algumas, pois ouvi muitas e por eu conhecer muito bem os contadores eles gostaram de me contar porque os nossos sábios só fazem ou contam outras tantas coisas do jeito deles ou de costume somente com pessoas que eles conhecem ou com aqueles que eles vão com a cara, assim posso dizer. Quando empolgados, nossos velhos falam, contam coisas a mais e assim ficamos sabendo um monte de coisas.

Como eu havia falado antes, quase tudo o que aprendemos foi vendo e ouvindo os nossos velhos e durante a minha pesquisa de leitura de escritas sobre os Kaingang, achei e gostei desse depoimento que foi de uma ex-moradora da minha aldeia e foi enfermeira até se aposentar, também colega de meu pai na FUNAI. Ela que hoje luta por terra junto com outros Kaingang que também são naturais da Terra Indígena Guarita.

DEPOIMENTO: QUAL O ESPAÇO DOS KAINGANGS NO MEIO URBANO NA ATUALIDADE?

"Me chamo Albertina, sou natural da terra indígena Cacique Doble, nasci em 1955, lá se encontram ainda todos os meus parentes por parte do meu pai, o clã do meu pai era muito grande, grandes líderes que praticavam a cura pelas plantas e rezas, muita coisa ele passou pra mim, a cura pelas plantas e rezas, aprendi muito sobre os conhecimentos tradicionais, o amor e o respeito pela natureza, guardo a cultura do meu povo, quando eu era criança acompanhava meus tios e meu pai na preparação de vários rituais, um deles era o kiki, hoje os jovens quase não dão muito valor pra esses rituais, mas tem algumas aldeias que estão retomando, isso é bom para nós índios. **Lembro que nós ficava ao redor do fogo na aldeia escutando as histórias, recebendo conselhos dos mais velhos, o respeito, o amor a natureza que é nossa mãe, a lição de ter orgulho de ser índio**. (**Albertina Dias Kaingang**)

Então dá para notar que todos que tiveram sua infância até uns 15 anos para cá ainda lembram-se das histórias que lhes eram contadas e as formas estabelecidas. Para saber mais coisas sobre o meu tema fiz umas entrevistas com os nossos sábios que tem conhecimentos sobre as histórias que existem entre o nosso povo.

Relato aqui algumas regras como chamam os ***fóg,*** que para nós isso não existe entre os Kaingang, então achei importante colocar no meu trabalho para que sirva de orientação para outros que lerem ou venham a ler e que um dia tenham consigo um pouco de conhecimento e de como chegar até um Kaingang para tirar dele alguns dos conhecimentos que pretendem saber.

Nós Kaingang para chegar até um sábio sempre levamos algo como agrado. Isso é mais um jeito que temos conosco entre a gente, como índios. Então quando chegou o dia da minha entrevista com os meus parentes fiz isso, levei uma erva para juntos tomarmos um chimarrão durante a nossa conversa. Digo conversa porque é no meio da conversa que eu iria começa a tirar dele o que eu quero.

Não se segue um roteiro de pergunta como os ***fóg*** fazem, mesmo eu tendo no projeto. Porque se eu chegasse nele como um repórter com gravador, câmera fotográfica e outros materiais necessários para a entrevista, ele ficaria constrangido, mesmo eu sendo indígena como ele, pois um índio já é tímido e regras só funcionam com os ***fóg***, assim dizem muitos indígenas.

Então, quando se chega à casa de um índio para buscar conhecimentos que ele teria para compartilhar com estudantes deve se apresentar primeiro e logo após falar sobre a sua pretensão com ele, principalmente as pessoas que são desconhecidas por ele. Não se podem fazer perguntas por perguntar, porque o nosso entrevistado pode se preocupar com palavras para responder e pode acabar falando ou misturando as coisas, sem falar o que o entrevistador busca. Deve-se começar e logo de início falar do que foi lá fazer e para que. E junto com as demais perguntas que seriam feitas conforme a resposta dada. Assim o entrevistado já fica sabendo o que ele vai ter que responder e não ficará sem respostas para nos dar. Após isso, deve-se deixá-lo começar a falar e perguntar. É desse jeito que se começa uma conversa com os nossos velhos, pois depois que ele começa a falar sobre o assunto proposto, ele mesmo para e pergunta o que ainda falta, assim por diante. Desse jeito acontece nas contações de histórias, sem interrupção. No caso contrário tem índio que para de falar e não fala mais nada ou começa a falar de outras coisas. Depois de tudo pronto é que se pergunta o nome, a idade, número de filhos, enfim, outros fins.

Na minha entrevista o Sr. Adelino ***Ga Vóg*** da Rosa, ele que hoje está com 60 anos disse que no tempo dele se ouvia muitos tipos de histórias que seus pais, tios ou avós lhes contavam nas horas livres ou quando os pais deles recebiam visitas. Eram histórias fantasiosas, engraçadas, imaginárias, outras faziam pensar sobre coisas que aconteciam no seu dia a dia. Cada história tinha seu jeito de ser contadas, umas têm ***jé*** (cantoria, vozes ou som). Naquele tempo as crianças eram obedientes, pois quando aquele que iria contar as histórias chamava, todos corriam para achar um lugarzinho onde possam ficar bem aconchegado para poder ouvir bem as histórias. Sabiam também o que fazer antes do contador começar a contar as histórias, que era de arrumar o travesseiro dele, pois só depois disso é que ele começava seus contos para sossegar a criançada. “Hoje posso chamar umas quantas vezes os meus filhos e netos para eles poderem vir me ouvir para qualquer coisa.” Disse o Sr. Adelino.

O início das contações das histórias são iguais para todas as idades, assim como as respostas durante os contos, que são "***ó jé nĩgtĩ***" fala do contador no início da história e o"***eee***" tipo de espanto ou expectativa dos ouvintes a cada parada que o contador faz durante seu conto.

Fig.8 O Sr Antônio ***Kójónh*** Cândido

Fonte: SKC

"No meu tempo que não era diferente desse outro, como a vizinhança morava distante, era como uma festa quando eles nos visitavam ou quando nós os visitávamos que tempo bom era aquele. Pois lembro ainda de várias histórias, até eu sair de casa nos anos de 1968 por aí. Desse ano em diante eu tive que estudar numa escola longe, porque aqui não tinha a série para qual tínhamos passado e nós saíamos cedo da manhã e só voltávamos a tardinha. Chegávamos cansados que não aguentávamos permanecer acordados até altas horas para continuarmos a ouvir as histórias como de costumes. Então podemos dizer que a escola também teve sua influência na nossa vida cotidiana e com isso começamos a deixar de fazer ou praticar muitas coisas da nossa cultura. Porque lá começamos primeiramente a aprender a língua dos ***fóg***, depois fui parar no internato para estudar para ser monitor bilíngue, dali em diante nunca mais voltei a ouvir ou contar as histórias com meus pais e irmãos. Mas como existe vários tipos de histórias essa será uma verdadeira história que foi vivenciada a qual me marcou muito que eu vou lhe contar. Essa história foi real, é triste e foi vivenciada pela minha mãe, vou tentar encurtar o que posso. Esta pode ser

contada para os jovens que nos dias de hoje já não querem e nem se preocupam com o que vem acontecendo com o nosso povo, pois essa história tem muito haver com os dias atuais e preocupante ao mesmo tempo. Hoje os nossos filhos só querem saber de ter as coisas que os ***fóg*** tem, mas nem imaginam que tendo tudo isso eles estão cada vez mais se distanciando da nossa cultura.”. Estas foram as palavras do Sr. Antônio ***Kójónh*** Cândido, monitor bilíngue.

Estas palavras têm muito haver com o que o professor lingüista Wilmar escreve em uma de suas publicações:

> **A memória e a tradição oral**
>
> As narrativas indígenas se sustentam e se perpetuam por uma tradição de transmissão oral (sejam as histórias verdadeiras dos seus antepassados, dos fatos e guerras recentes ou antigos; sejam as histórias de ficção, como aquelas da onça e do macaco).O fato é que os povos indígenas no Brasil, por exemplo, não empregavam um sistema de escrita, mas garantiram a conservação e continuidade dos conhecimentos acumulados, das histórias passadas e, também, das narrativas que sua tradição criou, através da transmissão oral. Todas as tecnologias indígenas se transmitiram e se desenvolveram assim. E não foram poucas: por exemplo, foram os índios que domesticaram plantas silvestres e, muitas vezes, venenosas, criando o milho, a mandioca (ou macaxeira), o amendoim, as morangas e muitas outras mais (e também as desenvolveram muito; por exemplo, somente do milho criaram cerca de 250 variedades diferentes em toda a América).

Histórias dos Índios lá em casa / Wilmar D’Angelis / Portal Kaingang

2.2 Contação de histórias para as crianças

As contações de histórias feitas para as crianças geralmente eram contadas a noite onde todos ficavam deitados de barriga para cima desde o contador e ouvintes. Eram contadas histórias que traziam e desenvolviam a imaginação das crianças, onde eles riam bastante. Ao mesmo tempo muitos trazem um ensinamento e aprendizagem do povo sem passar pela prática. Assim os Kaingang cresciam sabendo, seguindo e respeitando os costumes do povo. Também é desse modo que acontece a educação dentro da nossa sociedade, pois se aprende pela observação e pela participação nas práticas coletivas.

Quando se conta histórias, os pontos relevantes de cada história, o que significa aquilo na existência de cada povo, o quanto vem carregado, a importância do significado de quando se conta um mito. Quando se conta história do nome indígena, do ritual para o nome, da explicação, do uso do nome, das metades (***Kamẽ*** *e* ***Kairu****).* Isso está sempre transitando entre o mundo adulto e o mundo infantil, dá para dizer assim. Desse modo era a vida dos Kaingang

Agora, a nossa forma de ensinar acontece espontaneamente, sem nós perceber, às vezes não era nos dito o que ou como fazer, apenas vamos olhando, imitando, praticando as coisas, assim ninguém fica estressado como dizem hoje. A aprendizagem do ***kanhgág sĩ*** (indiozinho) era desse jeito, ele aprendia assim vendo e ouvindo os mais velhos. Outra forma feita era através de histórias criadas ou vivenciadas pelos nossos antepassados.

Como no nosso costume eu fui ensinada a apenas ouvir, fiz a minha pergunta e fiquei aguardando a minha resposta, pois quando o sábio fala nós temos que ouvi-lo até ele chegar na resposta da pergunta feita sem interrompê-lo.

Na minha visita para a entrevista com o Sr. Adelino ***Ga Vóg*** da Rosa disse-me que gostou muito de eu ir procurá-lo para buscar mais conhecimentos sobre a nossa cultura e que bom seria se viessem mais estudantes ou professores preocupados com a aprendizagem dos nossos filhos. Diz que vê e acompanha muitos professores que trabalham na escola só porque lhes rende o dinheirinho garantido no final do mês e não porque gosta de ensinar. Isso não é só com os professores índios, os ***fóg*** também, pois eles só estão ali para ensinar o que eles aprenderam durante os seus estudos, mas não passaram por um tipo de treinamento ou de como se faz um

ensinamento com os índios. Porque o índio é um pouco envergonhado e lento na sua aprendizagem usando o lápis, caneta e no seu pensar sobre o que ele está lendo e vendo nos livros que vem nas escolas.

Então o Sr. Adelino já me respondendo, disse que no tempo em que ele fora criança era assim, o avô dele a noite lhes dizia venham aqui crianças que eu vou lhes contar um **ó** (histórias) para vocês dormirem.

O Sr Adelino começou então a me contar uma das histórias, que eu ao ouvir lembrei-me da minha infância e de meu avô, assim como fazíamos para ele começar a contar as histórias. Também senti de novo o encanto que nos trás ouvir de novo uma história contada na língua, mas ao mesmo tempo ficava a me perguntar de como eu transcreveria isso, sem deixar que perca o sentido que ela apresenta sendo contada na língua portuguesa. Como por exemplo, as cantorias que aparecem durante a contação de algumas histórias.

Percebi que as histórias que eram contadas para as crianças então eram umas histórias curtas, imaginárias e reflexivas ao mesmo tempo. Como ele já havia me dito que as histórias contadas para a criança eram para fazê-los dormirem, pois nessas eram onde os animais falavam ou conversavam as quais chamavam de ***ó ror*** (histórias curtas). Talvez muitos não gostam das nossas histórias por falta do desconhecimento da língua, do significado do nosso dia a dia, dos nossos costumes, dos nossos alimentos e dos nossos hábitos. Mas se todos entendessem pelo menos a nossa língua descobririam a beleza que tem as nossas histórias que quando traduzidas ficam pobres, pois com a tradução elas trazem uma visão do mundo tão distinta da nossa. Deveriam existir formas de escrever e apresentar as nossas histórias que transmitissem o deslumbramento que é ouvir os nossos contadores, pois trata de ouvir as histórias contados por quem acredita nelas como se fossem as verdadeiras histórias do mundo, dos saberes e não uma ficção ou religião.

Transcrevi aqui um dos ***ó ror*** (histórias curtas) que ele me contou que se chama ***pénkrig ti kóhon kãki*** (A Formiga no vendaval). Uma história curta que era contada para as crianças quando eles não tinham sono durante a noite.

Fig.09 Sr Adelino ***Ga Vóg*** da Rosa e sua esposa

Fonte: Foto tirada no dia 01 de outubro de 2014. Acervo SKC

A Formiga no vendaval

Era uma vez uma formiga que saiu de sua toca para procurar comida e guarda para quando o inverno chegar ela ter comida de fartura.

Ela seguiu caminho adentro da mata para chegar até a um monte de taquara que ela conhecia e sabia onde ficava.

A formiga sabia que nas taquaras secas e com buracos havia sempre uns corós que lhes serve de comida.

Então ela começou a caminhar mais ligeiro, pois estava para chegar uma forte tempestade com vendaval.

Quando ela estava chegando perto de um dos buracos o vento da tempestade começou a bater no taquaral onde a formiga se encontrava.

Então ela começou a correr desesperada para se proteger do vento para ela não cair.

Ela dava voltas e voltas ao redor da taquara em que ela estava e gritava ***kóhon vãsikãtĩg venh,*** e corria em volta da taquara onde o vento não batia, e continua a dizer ***kóhon vãsikãtĩg venh, kóhon vãsikãtĩg venh,...***

Assim vai se repetindo essas frases até a criança adormecer e dormir. Essa foi uma história curta contada para fazer uma criança dormir, disse o Sr Adelino.

Na transcrição da história para o português ela tem suas perdas das riquezas de como ela tem quando é contada na língua Kaingang que era muito mais emocionante.

Agora transcrevo aqui outra história, mas um pouco mais longa que fala sobre união, amizade, estratégia e o título é ***Ho' mré Fẽnẽnh***, contada pelo Sr. Antônio.

O ***Ho'*** seria uma espécie de onça ou tigre que gostava de comer carne de preá criado no imaginário do contador para que seus ouvintes fiquem mais ansiosos e queiram ser como esse animal que é uma fera e o ***Fẽnẽnh*** é uma espécie ou tipo de tatu que existe em nossa região.

O Tigre e o Tatu

Era uma vez em tempos idos, viviam e moravam perto a família do tigre e do tatu.

Um dia estava lá os filhos das duas famílias brincando entre eles, onde o tigre fez uma proposta ao tatu:

- Compadre tatu que tal nós fazer uma luta entre nós com nossos filhos?

- Não. Disse logo o tatu. Pois podem me machucar ou até quebrar a minha cabeça.

Então o tigre disse:

- Não, vamos fazer uma luta justa.

- Se for assim eu aceito, disse o tatu.

Então começaram a lutar entre eles. Mas o tigre não cumpriu como trato. Pois, ele usou toda a força que tinha quando derrubou o tatu, que matou ele.

Os filhos do tatu então o velaram e juraram vingar a morte do pai.

Um dia o tigre saiu para caçar. Nesse dia os filhos do tatu decidiram fazer a vingança.

Então os filhos do tatu enquanto os tigrinhos dormiam, puseram fogo neles, depois os cobriram com folhas e fugiram para a toca deles.

Dias depois o tigre voltou da caçada e de longe notou algo errado, pois não avistava seus filhos ao redor da casa.

O tigre começou a andar rápido para chegar logo em sua casa. E quando chegou viu seus filhos quietinhos deitados e cobertos.

Quando chamou por eles e ninguém respondeu, ligeiramente tirou de cima deles as folhas que lhes cobriam e viu que estavam todos mortos.

O tigre logo percebeu que eram os filhos do tatu que tinham feito tudo aquilo. Então saiu a procura deles.

O tigre chegou até a toca deles e tentou enganá-los dizendo a eles:

- Filhos do tatu, venham estou convidando vocês a virem aqui fora para juntos comigo comerem preás assados.

Mas os filhos do tatu não aceitaram e continuaram em sua toca até o tigre pegar no sono. Aí os filhos do tatu começaram a sair da toca. Mas o mais novo dos filhos ao sair da toca raspou no tigre com o seu rabo acordando-o e fugiram para a mata, levando com eles um dos preás que o tigre tinha matado.

No caminho da fuga já com fome, eles começaram a dividir a caça, com o mais novo que saíra da toca por último sobrou para ele somente o bucho do preá. Então ele carregou assim mesmo.

Enquanto os filhos do tatu andavam avistaram um pica-pau coletando mel numa árvore. O mais novo que vinha atrás com o bucho vinha cantando assim:

- *Jóg ti nug te tĩ, jóg ti nug te tĩ...* (um canto de alegria)

Quando ele viu o bucho que ele carregava enroscou num tronco que estava sobre um cruzamento como ponte. Como ele não estava com pressa e não estava conseguindo soltar, resolveu deixar o bucho lá, pensou ele ainda em voltar para buscar.

Ao passar pelo pica-pau viu que ele estava comendo algo, então perguntou a ele em uma cantoria assim:

- *Inh mỹ ũ nĩm venh? Inh mỹ ũ nĩm venh?...* (Pode me dar um, pode me dar um?...)

O pica-pau respondeu:

- *Sỹ grỹ ko vẽ, ã mỹ ũ koj?* (estou comendo samambaia. Você quer comer?).

Pois eu tenho um bucho que deixei lá para trás e quando eu trouxer te dou um pedaço.

Assim o tatu fez amizade com o pica-pau e contou toda a história a ele, que decidiu ajudar os filhos do tatu. Então planejou um jeito de como mandar o tigre embora para nunca mais voltar. Na hora em que o tigre chegou, ele, o pica-pau já havia escondido os tatus e fez de conta que estava lá apenas comendo seu mel.

Ao vê-lo o tigre também começou a cantar:

- *Inh mỹ ũ nĩm venh? Inh mỹ ũ nĩm venh?...* (Pode me dar um? pode me dar um?...)

O pica pau respondeu:

- *Sỹ grỹ ko vẽ, ã mỹ ũ koj?* (estou comendo samambaia. Você quer comer?).

Prontamente o tigre respondeu que sim, pois estava com fome.

- Então feche os olhos cada vez que eu for te dar.

O tigre fez o que o pica-pau mandou.

Numa dessas o pica-pau fez o que ele havia tratado com os filhos do tatu. Ele colocou na boca do tigre um favo de mel com abelhas que começaram a picar dentro da boca do tigre que saiu numa corrida sem direção certa.

Com isso todos comemoraram porque agora eles podiam viver ali sem se preocuparem em ter que encontrarem com o tigre e começaram a cantar:

- Inh mỹ ũ nĩm venh, Inh mỹ ũ nĩm venh?

- Ẽg tỹ grỹ ko vẽ, Ẽg tỹ grỹ ko vẽ.

Assim segue o contador, segue a história na cantoria até a criança dormir.

Além das histórias me contaram que as crianças também gostavam das brincadeiras de adivinhações.

2.2 Contação de histórias para os jovens

As contações para os jovens já eram feitas sentados ao redor do fogo, também era feito a noite. Nessa o contador faz seus contos utilizando um pedaço de galho longo para que ele possa ficar mexendo o fogo, também usa muitos gestos. Para os jovens as histórias já eram quase todas sobre como agiriam na vida adulta ou quando se casassem. Também eram contadas histórias de casamentos, lutas, conquistas, curadores, preparações para bons guerreiros, heróis, bons caçadores, coletores, desafios, armadilhas, adultério, castigos, além disso, umas falam sobre união, reciprocidade, solidariedade e os valores da nossa cultura.

Conforme os meus entrevistados, o que foi dito fez parte da rotina deles quando crianças e algumas ficaram marcadas na vida deles, como a história do Sr. Antônio que foi uma história verdadeira que eu não podia deixar de escrever, esta foi muito tocante.

Neste espaço transcrevi a história da mãe do Sr. Antônio.

“Eu me chamo Antônio Cândido, meu nome na língua Kaingang é ***Kójónh*** que foi dado pelo meu pai e minha metade é **Kamẽ.** Sou filho de um Kaingang com uma **fóg sa (**mestiça) com

quem ele teve seis filhos dos quais somente eu continuo vivo e que hoje vou te contar a história deles que me foi contada numa dessas contações que existia no passado.

Então esta história começou quando minha mãe era moça. Ela morava com seus pais na região de Tenente Portela mais precisamente aldeia ***Fág Nĩ***, (lugar dos pinheirais) hoje conhecida como Pedra Lisa, onde até agora é chamada de terra dos ***fóg sa.***

Conta ela que seu pai era um dos ***fóg*** que tinha feito parte dos farrapos que chegaram até nossas terras para as guerras que aconteciam na região naquele tempo. Eles se refugiaram na área indígena a espera dos comandos de seus líderes, onde ele conheceu a mãe dela e acabou casando e ficou morando por lá. Tiveram filhos e que uma delas foi ela, que pelo destino teve que se separar da família para se casar, uma escolha feita pelo pai dela que vem a ser o meu avô. Naquele tempo os pais tratavam os casamentos dos filhos, pois se eles simpatizavam ou achavam um rapaz de aparência boa, prestativo, trabalhador era esse o escolhido para ser seu genro.

Numa das andanças de meu avô ele encontrou-se com o meu pai e foi num desses panelão que existiram no tempo passado na nossa terra e que durou por muito tempo. Foi lá que ele gostou do meu pai e decidiu fazer a minha mãe se casar com ele sem ela conhecê-lo. Dizia minha mãe que o meu avô simplesmente chegou um dia em casa e chamou ela, que naquele dia estava juntando pinhões que existia naquele tempo. Quando ela chegou em casa seu pai tinha dito para ela arrumar as roupas e as coisas dela, que ela iria com ele passear numa outra aldeia que ficava longe dali. Logo de início minha mãe havia se recusado para ir ao passeio, mas como meu avô era muito autoritário mandou que os irmãos dela a amarrassem e a colocassem em cima de um cavalo junto com seus pertences. Assim fizeram os irmãos dela chorando, contava ela.

Então ela veio parar num lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas, os quais estavam em festa quando ela chegou. Uns tocavam gaitas, violões e bebiam muito, mal sabia ela que a festa era para o casamento dela com o meu pai que ela ainda não conhecia até então e naquele tempo a festa durava até o amanhecer dizia minha mãe. Mal entendia ela a razão daquela festa e muito menos o que a maioria das pessoas falava naquele lugar.

Como minha mãe era de um lugar onde só conhecia algumas pessoas e que falavam só a língua portuguesa, ficou sem saber o que fazer e dizer no meio das pessoas, pois todos só falavam

na língua Kaingang. Enquanto todos festejavam minha mãe muito cansada ainda da viagem deitou-se e havia dormido. Quando ela acordou já era dia. Então ela saiu para procurar seu pai que já tinha voltado para casa deixando ela lá com o seu futuro e já marido. Dizia ela que chorou muito e por muitos dias, até se acostumar com aquelas pessoas e o marido que só falavam em Kaingang com ela. Dizia minha mãe que meu pai foi bonzinho para ela só nos primeiros dias e depois disso começou a me judiar. Quando ele chegava em casa depois do trabalho, me pedia alguma coisa que eu não entendia, aí ele começou a me bater como se eu fosse um cachorro. Assim foi a minha vida com ele, aquilo virou costume dele de me bater a qualquer hora, principalmente quando ele chegava bêbado em casa, até eu ter o primeiro filho e outro e outro. Ela corria de casa quando sabia que ele iria chegar bêbado em casa e isso ela não tinha dúvida, pois ele quando bebia costumava chegar tarde em casa. Neste dia ela já ficava atenta e esperando o grito de longe o seu nome para correr com os filhos para o mato e lá dormir.

Diz ela que muitas vezes ela havia corrido com os meus irmãos mais velhos e comigo nas costas para o meio de umas plantas de caraguatás que ainda tem atrás da antiga morada nossa. Onde ela usava uma tabua como ponte para passar sobre os caraguatás até o meio onde tinha um espaço que ela podia ficar com todos nós e que também ele não teria como chegar até nós.

Mesmo assim minha mãe diz que nunca pensou em deixá-lo, viveu com ele por toda a vida, até ele ficar cego e se tornou dependente dela, assim mesmo ele queria bater nela ainda. Dizia ela “Sofri com ele, mas graças a ele pude aprender a língua Kaingang na marra que desaprendi o português e agora só sei dizer “não”, por isso que ele morreu antes de mim, contava ela”.

Essa foi uma história contada por D. Pedrolina aos seus filhos ainda em vida, diz Seu Antônio. Ela nos contou porque ela ouviu uns dos bisnetos dela que moram em Santa Catarina foram visitá-la junto com sua neta e que ela ainda não os conhecia. Quando eles pediram a benção viu que eles falavam somente em ***fóg*** com a avó deles**.** Ao ver isso ela se preocupou e começou a contar a história que ela vivera, pois para ela saber a língua hoje seria muito importante porque é triste quando as pessoas vivem juntos por uns tempos sem saber como ter um diálogo por ambos não falarem a mesma língua. Mas que para aprender nunca é tarde, eu aprendi o Kaingang depois de casada e não gostaria que vocês passassem pelo que passei para poder aprender.

Então, essa foi a história vivenciada pela mãe do Sr Antônio que viveu até seus 93 anos que contou sua história de vida. Com certeza é uma história muito triste pela qual ela passou, mas que apesar disso manteve seu casamento, porque ela não passava fome, não lhe faltava nada e isso só acontecia quando o marido bebia. Essa história seu Antônio conta e usa como um conselho quando os filhos se desentendem com seus esposos e esposas, pois ele diz que hoje as coisas são mais fáceis de conseguir e quase tudo é possível ter dentro de casa e manter os filhos da melhor forma, comparando com o tempo da vida que levou sua mãe. Ela serve como um exemplo de vivência de casal que apesar das dificuldades, brigas, noites mal dormidas, ela manteve seu casamento até que a morte a separasse do marido, como aconteceu com ela.

3 AS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO LAZER DOS KAINGANG

3.1 Que mudança teve no lazer dos Kaingang

Hoje em dia quase tudo tem mudado no tempo livre de nós Kaingang, digo, nós, porque faço parte desse grupo e as mudanças ocorreram/ocorre junto com a evolução do mundo e da tecnologia, isso atingiu principalmente as crianças dos dias atuais. Isso é notável diariamente nas crianças da escola e nos nossos filhos. Porque as crianças que possuem algum equipamento tecnológico em casa, alguma coisa que a escola oferece ou mesmo os conteúdos trabalhados pelos professores parece não ter importância ou sentido. Mas isso ocorre também porque o próprio professor indígena não vem ou está despreparado para falar sobre a cultura e acaba trabalhando somente os conteúdos impressos e livros didáticos que vem do MEC para as escolas.

O tempo livre dos Kaingang de hoje vem sendo ocupado com trabalho, trabalho e mais trabalho, para eles poderem adquirir a modernidade tecnológica e outras coisas que tem no mercado. Pensamos em dar aos filhos tudo o que os nossos pais não puderam nos dar, sem perceber que estamos deixando e ao mesmo tempo tirando deles os melhores momentos a serem vividos, que seria de brincar com outras crianças, fabricar ou consertar seu brinquedo, subir em árvores, nadar nos rios, coletar frutos, principalmente aproveitar a noite para contar e ouvir as histórias. Esta é uma educação feita da forma informal como é conhecido. Uma forma em que nós aprendíamos coisas sem perceber que estávamos sendo ensinados, assim como aprendíamos ouvindo as histórias.

Nos dias atuais a maioria dos Kaingang tem em suas casas quase todos os eletrônicos modernos, brinquedos e alimentos industrializados. Com isso, posso afirmar que nossa criança hoje tem tudo e pronto. Porque na casa das famílias que possuem o que foi citado, as crianças destes não saem de casa para brincar e se socializar com outras crianças da comunidade, pois dentro de casa tem algo que prendem eles na casa, como a televisão, rádio, computador, vídeo game e outros eletrônicos.

Então podemos dizer que temos hoje outra forma de vida e bem diferente do tempo dos nossos pais e avós. Isso vem afetando o ensino-aprendizagem de nosso povo sobre a nossa cultura, entre eles a caça, pesca, construção de brinquedos e a ouvir nossas histórias. O acesso aos

objetos tecnológicos traz como consequência mudanças no lazer e no ensino aprendizagem de nossas crianças. Há crianças e jovens que quando alguém da família começa a contar uma história quando vai dar um conselho olham para outro lado, fica batendo o pé, outros chegam até fechar o ouvido para não ouvir e chegam até a rir, coisas que nós não fazíamos, pois nós tínhamos muita consideração com os nossos pais e os mais velhos não sendo eles propriamente da família.

Também vem da aculturação dos índios com os ***fóg***, pois estes também têm influência na perda de algumas coisas da nossa cultura e uma dessas é a língua falada. Isso acontece muito no casamento entre um (a) índio (a) com os ***fóg***, onde uma das partes opta ou proibi a fala da língua Kaingang. Por esse motivo é que as crianças começam a deixar de falar e outros dão pouca importância para a nossa língua ou coisas relacionadas a nossa cultura. Mas hoje os próprios pais estão vendo que isso está fazendo muita falta para eles e para os filhos deles, porque numa disputa de vagas para ingressar numa faculdade ou concurso para trabalhar na aldeia seja qual for a área escolhida o conhecimento sobre a cultura de seu povo é importante. Então nessa hora é que os pais percebem da importância do conhecimento das histórias e que faz falta.

Com o passar do tempo como as coisas mudaram, mudou também a linguagem falada entre nós Kaingang, nos dias de hoje. Muitas palavras são faladas aportuguesadas, isso foi percebido durante a minha pesquisa com os contadores.

Os meus entrevistados relataram que as mudanças ocorreram desde que os ***fóg*** começaram a se juntar com as nossas índias, onde eles as proibiam de ensinar ou falar a língua na casa. Então assim também se começou a perder a oralidade da fala entre algumas famílias das comunidades e isto ainda está sendo muito mais presente hoje que as pessoas falantes já não querem falar ou tem vergonha. Entre essas famílias ficaram mais difíceis de contar as histórias nossas porque as crianças deles já não falavam e nem entendiam a língua para ouví-las. Então para essas crianças ouvindo ou não ouvindo não fazia diferença nenhuma ou não tinha importância e tudo isso está sendo ainda mais forte nos jovens de hoje.

3.2 O que provocou mais essas mudanças

Nas minhas entrevistas as pessoas escolhidas me deram a mesma resposta que foram assim:

“Nós Kaingang é que mudamos, mas junto com as mudanças que ocorreram no mundo e na nossa sociedade envolvente. Uma das causas foi que os índios começaram a querer ter ou adquirir o que o não índio tem e isso não foi a muito tempo, que no ver deles seria mais ou menos de vinte anos para cá. Antes disso, nossas famílias viviam do nosso jeito. Tudo o que o outro cultivava sempre compartilhava com os outros, pois se eu não tinha uma mandioca plantada neste ano e o meu vizinho tinha, fazíamos as trocas de um produto pelo outro, era assim que era a nossa vida. Mas de uns anos para cá tudo começou a mudar e até essa troca-troca de produtos começou a para, a nossa solidariedade e a reciprocidade que existia entre o nosso povo começou a desaparecer aos poucos entre as comunidades. Outro motivo foi também que muitos começaram a trabalhar para fora onde que as visitas que fazíamos uns aos outros nas horas de folgas ou as noites desses teve que ser trocada pelo sono, pois eles tinham horas para acordar de manhã para o trabalho. Outra coisa que nos levou também foram as saídas dos nossos artesãos para as vendas dos artesanatos nas cidades grandes, onde a grande maioria levava consigo os filhos, os netos. É nessas viagens que os nossos indiozinhos começam a conhecer ou reconhecer as coisas que não índio possui, como por exemplo, a televisão. Essa foi o que mais tomou conta dos nossos filhos e segura dentro de casa, que hoje nós não vimos mais crianças brincando ao redor das casas ou na coletividade, muitos nem amiguinhos, não tem. Não brincam de rodas, não sabem onde ficam os rios e muito menos conhecem os nossos brinquedos e brincadeiras que fazíamos nos nossos tempos. Mas a grande culpa foi a chegada da luz elétrica nas comunidades indígenas que a partir dali que se começou a perda das nossas contações, nossas rodas de conversas tanto da família, como nos vizinhos. Com a luz em casa os índios que tinham condições de comprar a televisão começaram a comprar que levou aos demais índios a quererem comprar para terem em casa, pois muitos que não tinham faziam visitas somente á noite que seria o tempo livre deles. Mas ao invés de conversarem ficavam todos quietos de olho na televisão assistindo coisas que não tinha nada haver com nossa realidade, mal sabíamos que ali já era o início das perdas da nossa cultura. Uma

parte foi as brincadeiras e brinquedos, roda de conversas, também a aprendizagem da língua portuguesa que muitos começaram a trocar pela nossa língua materna.

Relataram também que hoje por causa da televisão é que começou a segurar as nossas crianças dentro de casa, solução esta encontrada por muitos pais que trabalham fora ou longe de casa. Depois da televisão vem o vídeo game e recentemente o computador que hoje os jovens nem se sentam mais nem para comer, daí imagine se sentarem para conversar com seus pais ou avós. Então, assim: "quando eles terão tempo para conversar conosco, eles farão como você, que nos procurou para buscar informações sobre o que nós teríamos a contribuir contigo sobre a nossa cultura de como foi e como é hoje. Só nesses momentos podemos dizer que nós existimos porque em outros momentos nem nos cumprimentar muitos dos jovens, a não ser os nossos parentes próximos, mas aqueles filhos dos pais que ainda seguem com o respeito as regras da nossa cultura".

As coisas têm mudado tanto que hoje as pessoas assistem pela televisão casos difíceis de acreditar, mas que hoje acontece dentro das nossas aldeias. Como todos os tipos de crimes, uso das drogas, várias outras coisas que não são bons para as crianças e jovens, mas hoje não podemos mais viver longe de tudo isso que acabou fazendo parte das nossas vidas. Tanto é que já tem índio que pensam, agem e querem viver como os **fóg,** deixando assim de praticar coisas da nossa cultura como comer as nossas comidas, nossas crenças, nossa medicina, nossa língua. O que também teve influência na perda dos nossos costumes foram as igrejas, pois lá as orações, as leituras e cantos são feitas somente na língua portuguesa. E são as igrejas que proíbem vários tipos de usos dos conhecimentos usados e faz parte do dia a dia dos Kaingang.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a minha pesquisa adquiri mais conhecimentos sobre o que eu ainda tinha dificuldade em entender para poder fazer a passagem aos meus alunos. Grandes pensadores eu conheci nas leituras que fiz na busca de informações que me servisse de ajuda no meu trabalho. Outra coisa gratificante e prazerosa foram as visitas aos meus entrevistados nas suas casas e também as pessoas da comunidade que durante as rodas de conversas nos finais de semanas tiveram de uma forma informal a sua colaboração na minha pesquisa. Notei a preocupação das pessoas quanto ao meu tema principalmente das pessoas mais velhas que falaram sobre a falta que faz muitas vezes ver as crianças brincando ao redor das casas, de casinha, de subir nas árvores, correndo um atrás do outro, caçando com bodoque, etc, também graças à história que o Sr. Antônio me contou pude descobrir que a família de minha avó é os Sales que moram na aldeia da Pedra Lisa onde eu moro e trabalho atualmente que seria a antiga **Fág Nĩ** hoje conhecida por Pedra Lisa.

As histórias que me foram contados penso em mais tarde publicá-las para que sejam utilizadas em nossas escolas para que os nossos alunos acompanhem e sigam os costumes que nosso povo tem e que está sendo deixado de ser vivido ou praticado. Fiz umas transcrições e estas ficarão sempre a disposição na minha escola e também de outros colegas que queiram trabalhar com história com seus alunos.

Pensa-se em transformar o material pesquisado e coletado em material didático, pois serão transcritos e poderão ser utilizadas nas nossas escolas, as quais hoje se encontram carentes em livros escritos na língua Kaingang.

Na conclusão desse trabalho vi que as pessoas da minha Terra Indígena estão se preocupando muito com a manutenção da cultura que está cada vez mais sendo pouco preservada ou praticada por alguns parentes, assim como a língua, onde os jovens não querem mais falar. Vendo essa preocupação deles fica comigo uma pergunta: como será daqui a dez anos?Por fim, quero agradecer a todos pela recepção nas visitas e também quero dizer aqui que sinto muito não poder fazer a visita ao Sr. Antônio Bento pelo fato de ele sofrer um AVC antes da minha visita e

dizer que estou na torcida para que ainda se recupere e viva entre nós por muitos anos ainda, pois ele sempre esteve pronto para colaborar com as pesquisas sobre o nosso povo.

BIBLIOGRAFIA

D'ANGELIS, Wilmar Rocha; VEIGA,Juracilda (orgs.).**Leitura e Escrita em escolas Indígenas: encontro de educação indígena no 10° COLE-1995.** Campinas, SP:ALB: Mercado de Letras, 1997. (coleção Leituras o Brasil).

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. (2006). **Ouvir memórias contar histórias: mitos e lendas Kaingang.** Santa Maria: Pallotti, 2006.

SILVA,Jeniffer Caroline da Silva. **Bola na rede: Futebol e lazer entre os Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC**. 2011,67p.TCC (Trabalho de conclusão de curso apresentado na Licenciatura e Bacharelado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VEIGA, Juracilda; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha (orgs). **Desafios atuais da educação escolar indígena.** Campinas, SP:ALB, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; [Brasília]; Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005.

http://www.portalkaingang.org/Historias_dos_indios.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2014.